

Dívida pode virar investimento

EUA propõem injeção de capital estrangeiro no 3º Mundo



Reagan: tentando salvar economia ocidental

Washington — O secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, propôs ontem a conversão de parte das dívidas do Terceiro Mundo em investimentos estrangeiros diretos nos respectivos países, como meio de reduzir a carga do serviço, aumentar o emprego e promover o crescimento econômico.

A proposta foi apresentada ao Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial, que se reuniu ontem, um dia antes da assembléia anual conjunta do BIRD e do Fundo Monetário Internacional.

Regan disse que os investimentos estrangeiros foram "subutilizados" no processo de desenvolvimento, muitas vezes por "obstáculos insuperáveis" nas políticas de alguns países, embora representem um fluxo de capitais que, ao contrário das dívidas, não comportam uma carga de serviço.

Regan apresentou sugestões para a reunião de abril, admitida por ele pela primeira vez há três dias, que incluem também a restauração da credibilidade financeira dos países devedores com seu retorno ao mercado internacional de dinheiro; o combate ao protecionismo, através de novos encontros do GATT (Acordos Gerais de Comércio e Tarifas); e a necessidade de financiamento externo para viabilizar a retomada do crescimento econômico das nações endividadas. As propostas foram recebidas como uma evidente tentativa de esvaziar desde já a hipótese de renegociação política da dívida externa.

Detalhando as referências que ele havia feito no dia anterior, perante o Comitê Interino do FMI/Banco Mundial, Regan deixou claro que seu governo quer manter as renegociações das dívidas externas como um negócio a ser tratado por cada país com seus credores, na mesma linha do

discurso que o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, fará hoje, na abertura da assembléia anual. "Nós não podemos encarar nossas discussões, em abril, com o espírito de negociação, e nem mesmo como uma eventual esperança de encontrar soluções generalizadas para os problemas de dívida e desenvolvimento", afirmou o secretário do Tesouro, acrescentando que a situação "muda de país a país".

A conclusão do seu pronunciamento foi inteiramente dedicada a enfatizar o ponto de vista do governo norte-americano sobre o assunto, de que a discussão global do endividamento externo, ao contrário do que pretendem os países latino-americanos recentemente reunidos em Mar del Plata, Argentina, tem que ficar restrita ao comitê de desenvolvimento do FMI/Banco Mundial. Aceitar a reunião de cúpula entre os governos dos países credores e devedores, de acordo com observadores brasileiros no comitê, significaria abrir um fórum especial que acabaria levando a uma renegociação política das dívidas, que a administração Reagan não admite.

A proposta de Regan foi bem recebida por alguns representantes latino-americanos e com ceticismo por outros. O ministro das Finanças do México, Jesus Silva Herzog, e o presidente do Banco Central da Venezuela, Benito Raul Lozada, a consideraram positiva, como um "primeiro passo" para o reconhecimento de que é imprescindível uma coordenação de esforços entre governos devedores e credores, bancos privados e institutos multilaterais de financiamento e de que os problemas da dívida e do comércio estão estreitamente ligados.